



Uso do celular nas férias aumenta para socializar e ter diversão, dizem crianças

Livro "Desligue e Abra", do escritor Ilan Brenman, sugere deixar aparelho de lado e investir em brincadeiras

Por Marcella Franco

Um videozinho engraçado aqui, uma thread polêmica ali, um post de terror, uma partidinha... e, quando a gente vê, aquilo que era para ser uma checkadinha rápida no celular acabou se transformando em horas gastas olhando para a tela do aparelho. Vai dizer se essa descrição não se parece com as férias de alguém que você conhece.

"Eu tenho usado mais o celular durante as férias porque eu tenho mais tempo livre. Jogos eu não jogo muito no celular, eu jogo mais no computador. Mas eu vejo muito filme, série, e assisto a vídeos no celular. Eu vejo uns filmes de cachorrinho fofinho, sabe esses filmes? E eu também vejo séries de super-heróis", conta Isaac R. A. S., 10 anos.

No município em que ele mora, diz Isaac, não há muitas coisas legais para se fazer na rua. A casa onde ele vive com os pais fica em Francisco Morato, a cerca de 30 quilômetros do centro de São Paulo. "Aqui não tem muito lugar pra ir, não tem livraria, parque. Sou filho único e nas casas do lado não tem crianças da minha idade, então eu tenho de usar muito a imaginação aqui em casa pra brincar", explica.

Ele diz que é "bem criativo" e até inventa seus próprios jogos, além de gostar muito de ler. Mas, mesmo assim, a tentação do eletrônico tem sido grande nas férias da escola. Isaac não tem um aparelho próprio, e pega emprestado o da sua mãe, Luciana. "Ela e meu pai falam pra eu sair um pouco do celular e eu aceito, porque eu sei que não pode passar muito tempo no celular. E, quando eu saio do celular, eu sei me divertir. Eu desenho, faço coisas com materiais recicláveis e também



Isaac R. A. S., 10 anos, diz que os livros são o refúgio, mas que às vezes não consegue deixar de usar o celular emprestado da mãe

Zanoni Freitas/Folhapress

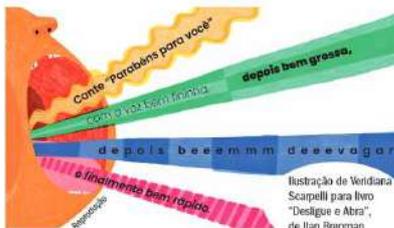


Ilustração de Veitiana Scarpelli para livro "Desligue e Abra", de Ilan Brenman

leio bastante, porque a minha mãe é professora e eu gosto de acompanhar ela."

Livros em casa

Luciana diz que a família criou em casa uma biblioteca rica em bons títulos, da qual Isaac tira proveito sempre que pode. "Querendo ou não, os livros são um dos meus refúgios", define o menino. Recentemente, ele leu "Desligue e Abra" (Editora Moderna), do escritor Ilan Brenman. O autor conta que teve a ideia de fazer esse livro enquanto

caminhava despretensiosamente, e imaginou como seria a vida se ele fosse, em vez de humano, um livro.

Ilan foi ainda mais longe na viagem: se ele se transformasse nesse tal livro, o que ele diria? "Eu ia querer dizer para as crianças que eu sou melhor que o celular, e que eu posso provar isso", fantasia Ilan. "Eu tenho falado e escrito sobre o uso dos celulares pelas crianças há bastante tempo. Quero mostrar que eles e os tablets têm causado muitos malefícios às crianças."

"Desligue e Abra" segue a ideia original de Ilan, e "fala" com o leitor como se o livro estivesse realmente ali trocando uma ideia. Nisso surgem propostas de brincadeiras que vão desde cantar com voz fininha e depois bem grave até arremessar o exemplar para o alto, sem dó.

"Por mais que ele tenha ficado um pouquinho arrebitado depois que eu li, eu amei esse livro. Ficou assim porque ele podia pra jogar ele pro alto e bater palma três vezes, e eu tentei umas 24 vezes e ele caiu no chão. Coitado dele. Mas vou informar aqui rapidinho que o livro passa bem, ele está na estante", brinca Isaac.

Sofia G. tem 13 anos e também acha que, nas férias, vem usando mais o celular. "Tô usando bem mais do que quando estava indo pro colégio. Uso Tik Tok, Instagram e eu também edito imagens", conta. Ela diz que os adultos pedem para ela manejar "o tempo todo". "Eu aceito, mas



"A criança não vai pôr os limites, quem põe o limite é a família. É ela quem tem que saber que o celular está dando problemas na coluna das crianças, nos olhos, problemas cognitivos e de ansiedade", defende Ilan Brenman. Nas primeiras páginas de "Desligue e Abra", o livro deixa claro que "sabe" o quanto é difícil deixar o celular de lado, que é preciso se esforçar para resistir à vontade de ficar com ele. Mas por que será que é assim tão difícil se libertar um pouquinho?

"Porque dá prazer", responde Ilan. "Só que muita coisa dá prazer e faz mal. Por exemplo: você gosta de chocolate? Eu gosto muito. Mas comer muito chocolate faz mal. É importante saber que você até pode comer um pouquinho por dia, mas que tem outras coisas tão boas quanto", compara. E, antes que alguém pense que Ilan estaria sugerindo que todo mundo viva sem celular, ele explica que não é exatamente isso. "Eu também uso o meu celular, óbvio, mas a questão é que temos de ter bom senso e a parcimônia", fala.

O garoto Théo conta que usa o celular para comunicação e como "um método

muito grande de entretenimento pelas redes sociais". Mas ele desconfia de que talvez esteja exagerando um pouquinho. "Eu acho que estou utilizando muito mesmo, estou até virando noites e minha mãe está brigando comigo por causa disso."

Ainda assim, ele garante que sabe como se divertir quando fica sem o aparelho. "Ou jogo um jogo de tabuleiro ou de cartas, tipo Uno, com meus pais, ou vou brincar com minha cachorra", exemplifica.

Para Ilan, essa parte é realmente importante: ainda que o celular ocupe uma parte do dia a dia das crianças, ninguém esqueça como é que se brinca. "Na história do Peter Pan, ele esquece como era ser criança. E é triste pensar que as crianças de hoje, quando crescerem, podem não ter mais lembranças de que brincavam quando pequenas", imagina o escritor. "Se você não fabricar lembranças, se ficar só nas telas, pode ter consequências desastrosas. Eu acho que no futuro o celular vai vir com avisos iguais aos das embalagens de cigarros. Dizendo algo como 'O uso excessivo pode te tornar uma estátua'", brinca.

fico chateada. Às vezes eu não aceito, mas eu não tenho muita opção. Quando não estou no celular, gosto de ler, de fazer ioga, e de ver TV também."

"Minha família até pede pra eu ficar sem celular, mas, infelizmente, às vezes eu não consigo sair dele, pois eu estou assistindo vídeos engraçados no Tik Tok, tipo meme, ou estou entediado, ou ainda estou jogando Fifa 23 mobile", diz Théo C., 13 anos.

Turnê

Famosos não conseguem comprar os ingressos para shows do RBD

Folhapress

Fãs famosos do RBD usaram as redes sociais para lamentar que não conseguiram comprar ingressos para os shows da banda no Brasil. Eles se juntam a muitos anônimos que enfrentaram filas imensas em São Paulo e no Rio de Janeiro na tentativa de garantir seu ticket para ver os ídolos — na Barra da Tijuca houve discussão e troca de socos.

A influenciadora e ex-BBB Camilla de Lucas postou um vídeo no Instagram mostrando a página de venda dos ingressos indicando que estão esgotados e uma foto com recortes antigos de folhas dos integrantes da banda. "O que eu vou dizer para a jovem Camilla que já fez carinha, que gastou caneta colorida de brilho, estragou os dentes comprando chicle para ter figurinha de RBD. O que eu vou dizer para ela agora?", perguntou a influenciadora.

Atriz Giovanna Lancellotti comentou a publicação de Camilla dizendo que não conseguiu ingressos para o show.



"Eu também! Anahí, corre aqui", escreveu a atriz marcando a integrante do RBD.

A deputada federal Erika Hilton (PSOL-SP) alertou a influenciadora de que serão abertas mais datas para vendas de ingressos. "Amiga, vai ter nova data de venda no dia 2 e 3 de fevereiro. Estamos ligadas", escreveu a deputada. A cantora Pepita também reclamou da falta de ingressos no Twitter: "Já esgotou São Paulo? O meu [computador] carregou tudo e deu erro",

tuitou. "É, família, não vai ter a Dinda no show do RBD... estou devastada", escreveu a cantora, acrescentando a hashtag "Soy Rebelde Tour".

A venda de ingressos começou nessa sexta às 10h, nas bilheteria e no site oficial do evento. Fenômeno dos anos 2000, o RBD se apresenta no Brasil em três shows do turnê "Soy Rebelde Tour", nos dias 17 e 18 de novembro no Allianz Parque, em São Paulo, e no dia 19 de novembro no Estádio Nilton Santos, no Rio.



"Viver com alegria pelo prazer de servir"
Academia Maçônica de Letras/MS

Lençol Sujo

Antonio Felício Netto

Um casal, recém-casado, mudou-se para um bairro muito tranquilo.

Na primeira manhã que passavam na casa, enquanto tomavam café, a mulher reparou através da janela em uma vizinha que pendurava lençóis no varal e comentou com o marido:

- Que lençóis sujos ela está pendurando no varal!

- Provavelmente está precisando de um sabão novo. Se eu tivesse intimidade perguntaria se ela quer que eu a ensine a lavar as roupas!

O marido observou calado. Alguns dias depois, novamente, durante o café da manhã, a vizinha pendurava lençóis no varal e a mulher comentou com o marido:

- Nossa vizinha continua pendurando os lençóis sujos! Se eu tivesse intimidade perguntaria se ela quer que eu a ensine a lavar as roupas!

E assim, a cada dois ou três dias, a mulher repetia seu discurso, enquanto a vizinha pendurava suas roupas no varal.

Passado um mês, a mulher se surpreendeu ao ver os lençóis brancos sendo estendidos, e empolgada foi dizer ao marido:

- Veja!
- Ela aprendeu a lavar as roupas, será que a outra vizinha ensinou?

- Porque, não fui eu que a ensinei.

O marido calmamente respondeu:

- Não, é que hoje eu levantei mais cedo e lavei os vidros da nossa janela!

E assim é. Tudo depende da janela através da qual observamos os fatos.

Antes de criticar, devemos verificar se fizemos algo para contribuir.

Nos como verdadeiro Maç., devemos combater veementemente este vício que assombra a sociedade, o COMODISMO.

Muitas vezes ficamos parados esperando um outro agir e não tomamos as devidas atitudes para buscar auxiliar ou até mesmo melhorar o que sempre pregamos que é a construção de uma sociedade

melhor.

Todos pregam que novas ações devem ser tomadas, mas, estes são os mesmos que deixa para o outro tomar a atitude. Dando desculpas verdadeira da falta de tempo procrastinando suas ações, aguardando que as coisas mudem, mas ela não muda.

Então, façamos a nossa parte, limpando as nossas janelas, identificando e melhorando as nossas limitações, afim de que possamos influenciar positivamente as pessoas que nos cercam a fazer o mesmo e assim contribuir para o bem-estar e a evolução da humanidade.

Como diz um velho ditador: "O Sábio, não é aquele que juntou ciências e armazenou conhecimentos, até se transformar em uma enciclopédia viva, mas aquele que conhece o valor e a repercussão de cada um dos seus gestos, de cada ideia que publica, de cada ação que põe em prática".